

“Quando dois homens se encontram”: dilemas e estranhamentos com as masculinidades em um trabalho clínico

“When two men meet”: dilemmas and estrangements with masculinities in clinical work

João Pedro Nowak de Lima 

Faculdade Estácio, Campo Grande, MS, Brasil (pedro_nowak@hotmail.com)

Esmael Alves de Oliveira* 

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil (esmaeloliveira@ufgd.edu.br)

*Autor correspondente

Recebido: 09-março-2024

Aceito: 06-julho-2024

Publicado: 15-julho-2024

Citação recomendada: Lima, J. P. N., & Oliveira, E. A. (2024). “Quando dois homens se encontram”: dilemas e estranhamentos com as masculinidades em um trabalho clínico. *Psicoperspectivas*, 23(2). <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol23-issue2-fulltext-3191>

RESUMO

O presente artigo parte de nossas experiências clínicas e acadêmicas em torno das masculinidades. Enquanto homem cis, branco, heterossexual, psicólogo clínico, e enquanto homem cis, branco, homossexual e professor universitário, temos sido tomados e tocados de diversos modos em nossas respectivas trajetórias pessoais, clínicas e acadêmicas pelo que nos toca e nos acontece. Afinal, quais os efeitos das masculinidades em nossa constituição subjetiva enquanto homens em nossas práticas cotidianas? Inspirando-nos em diferentes campos teóricos e disciplinares, e adotando o estudo de caso como ferramenta metodológica, tomamos as masculinidades como um dispositivo ideológico-político forjado a partir de complexas dinâmicas de poder de gênero. Para o presente artigo, em diálogo tanto com o campo de estudos das masculinidades bem como com as produções da psicanálise de inspiração lacaniana, partindo da experiência clínica do primeiro autor, tomamos o caso “P.” como um tipo ideal para pensar como as normas de gênero moldam as identidades e experiências dos homens, com efeitos tanto nas dimensões subjetivas quanto intersubjetivas.

Palavras chave: masculinidades, psicoterapia, políticas de cuidado, sofrimento subjetivo

ABSTRACT

This article is based on our clinical and academic experiences around masculinities. As a cis, white, heterosexual man, clinical psychologist, and as a cis, white, homosexual man and university professor, we have been taken and touched in different ways in our respective personal, clinical and academic trajectories by what touches us and happens to us. After all, what are the effects of masculinities on our subjective constitution as men in our daily practices? Drawing inspiration from different theoretical and disciplinary fields, and adopting the case study as a methodological tool, we take masculinities as an ideological-political device forged from complex dynamics of gender power. To this article, in dialogue with both the field of masculinity studies as well as with the productions of Lacanian-inspired psychoanalysis, based on the clinical experience of the first author, we take the “P.” case as an ideal type to think about how norms of gender shapes men's identities and experiences, with effects on both subjective and intersubjective dimensions.

Keywords: care policies, masculinities, psychotherapy, subjective suffering

Financiamento: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processo: 177092/2023-8).

Conflitos de interesse: As pessoas autoras declaram não ter conflitos de interesse (Las personas autoras declaran no tener conflictos de interés).



Publicado bajo [Creative Commons Attribution International 4.0 License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

O presente artigo parte de nossas experiências clínicas e acadêmicas em torno das masculinidades (Lima, 2022; Lima & Oliveira, 2022). Enquanto homem cis, branco, heterossexual, psicólogo clínico, e, enquanto homem cis, branco, homossexual e professor universitário, temos sido tomados e tocados de diversos modos em nossas respectivas trajetórias pessoais, clínicas e acadêmicas pelo que nos toca e nos acontece (Bondia, 2002). Afinal, quais os efeitos das masculinidades em nossa constituição subjetiva enquanto homens em nossas práticas cotidianas? De que modo um olhar desconfiado sobre o que nos tornamos pode contribuir para um processo de críticas às nossas próprias masculinidades e às outras masculinidades que demandam por escuta no espaço da clínica? Nesse percurso, inspirando-nos em diferentes campos teóricos e disciplinares, e ancorando-nos no estudo de caso como ferramenta metodológica (Turriani et al., 2018), tomamos as masculinidades como um dispositivo ideológico-político forjado a partir de complexas dinâmicas de poder de gênero (Connel, 1995; Welzer-Lang, 2001).

Aqui, o estudo de caso torna-se uma ferramenta metodológica essencial, à medida que pode contribuir para a compreensão das dinâmicas inconscientes, das resistências e dos mecanismos de defesa que operam na vida psíquica do sujeito. Conforme Anna Turriani et al. (2018), a psicanálise, desde suas origens, com Freud, tem um compromisso profundo com a individualidade e a singularidade de cada sujeito. Tal recurso metodológico permite uma análise compreensiva das experiências subjetivas únicas de um indivíduo, possibilitando um entendimento profundo dos processos psíquicos singulares. Essa abordagem contrasta com métodos que buscam generalizações, permitindo que a complexidade e a singularidade das experiências subjetivas sejam valorizadas.

Em termos éticos, nos inspiramos no trabalho realizado por Cardoso e Beiras (2022) e Lima (2022), onde a clínica emerge também como oportunidade de entrelaçamento entre o profissional-clínico e o acadêmico. Além disso, destacamos que, ao longo do estabelecimento do contrato, foi informado e pactuado com o paciente sobre a possibilidade de que elementos do seu atendimento poderiam ser transformados em material acadêmico, sem fins comerciais e com a garantia de anonimato, com objetivos estritamente científicos.

Para o presente artigo, em diálogo tanto com o campo de estudos das masculinidades bem como com as reflexões da psicanálise de inspiração lacaniana, partindo da experiência clínica do primeiro autor, tomamos o caso “P.” (inicial fictícia)¹ como um tipo ideal (Weber, 2004) para pensar como as normas de gênero moldam as identidades e experiências dos homens, com efeitos tanto nas dimensões subjetivas quanto intersubjetivas. Acreditamos que tal exercício crítico torna-se fundamental não apenas para a compreensão dos enredos que configuram a masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013), mas, sobretudo, para a desnaturalização e questionamento das desigualdades de gênero e poder na sociedade (Nascimento, 2018). Colocar a masculinidade hegemônica no divã torna-se essencial para a promoção de homens e masculinidades mais saudáveis, libertárias e menos opressivas. No Brasil, diversos pesquisadores e pesquisadoras têm se debruçado sobre os efeitos da masculinidade hegemônica, no modo como “nos tornamos homens”, bem como as possibilidades analíticas do investimento reflexivo sobre tal seara (Zanello, 2020; Cardoso & Beiras, 2022; Filho, 2022).

Para fins de organização do pensamento, nossa reflexão está organizada em quatro partes. Na primeira, fazemos um breve apanhado do conceito de “masculinidade hegemônica” no pensamento da socióloga australiana Raewyn Connell (1995, 2013) e de “casa dos homens”, no trabalho de Daniel Welzer-Lang (2001), que sustentam nossa análise. Na segunda, nos debruçamos sobre possíveis contribuições da psicanálise lacaniana para a compreensão da problemática em tela. Na terceira, a partir da apresentação de um caso clínico, buscamos problematizar os dilemas em torno dos efeitos subjetivos e intersubjetivos da vivência de uma masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo que apostamos analiticamente no cruzamento e aproximação com o pensamento de Lacan. Por fim, algumas considerações que apontam para a importância da clínica psicológica como ferramenta de desconstrução e desnaturalização de masculinidades rígidas (Filho, 2022; Lima, 2022). Como resultado de uma escrita a quatro mãos, ressaltamos que, ao longo do texto, em alguns momentos utilizaremos a primeira pessoa do singular, quando nos referirmos à experiência clínica do primeiro autor, e também a primeira pessoa do plural,

¹ Para garantir o anonimato do interlocutor.

nos casos em que se tratar da análise do campo compartilhada pelos dois autores a partir da relação entre um pesquisador (ex-orientador) e um clínico (ex-orientando).

Masculinidade hegemônica: a fábrica de produção da casa dos homens

A masculinidade hegemônica, conforme definida por Connell (1995), refere-se ao padrão culturalmente dominante de masculinidade em uma determinada sociedade ou contexto. É o ideal de masculinidade que é valorizado e recompensado, enquanto outras formas de masculinidade são subordinadas ou marginalizadas. Esse ideal de masculinidade não é estático, mas sim moldado por fatores culturais, sociais e históricos. Além disso, é importante considerar que,

convivemos com múltiplas realidades que atuam sobre as “masculinidades dos homens”, ora com padrões tradicionais, machistas e conservadores, ora com padrões mais libertários e igualitários. No entanto, é sempre preciso lembrar que as masculinidades não dizem respeito somente aos homens. Elas estão presentes nas perspectivas dos sistemas econômicos, políticos, jurídicos, de governo, entre outras formas de organização social (Nascimento, 2018, p. 25).

Connell (1995) e Connell & Pearse (2015) explicam que a masculinidade hegemônica frequentemente está associada a características como força física, agressividade, controle emocional, independência financeira e sucesso profissional. Essas características são consideradas “masculinas” e são amplamente valorizadas em determinadas sociedades, muitas vezes, servindo como critério para medir a masculinidade de um homem.

No entanto, é importante ressaltar que a masculinidade hegemônica não é universalmente acessível a todos os homens. Ela é construída em torno de hierarquias de poder que privilegiam certos grupos, como homens brancos, heterossexuais, cisgêneros e de classe média ou alta. Esses homens são mais capazes de atender às expectativas da masculinidade hegemônica e, portanto, desfrutam de maior status e privilégios na sociedade. Por outro lado, homens que não se encaixam nesse ideal de masculinidade hegemônica podem enfrentar marginalização, estigmatização e discriminação (Silva-Junior & Caetano, 2018). Isso inclui homens *queer*, homens negros, homens transgêneros, homens com deficiência e outros que desafiam as normas de gênero estabelecidas. Eles podem ser considerados como “não masculinos” ou “menos masculinos”, de acordo com os critérios da masculinidade hegemônica, o que pode afetar sua autoestima, saúde mental e oportunidades de vida.

Para Daniel Welzer-Lang (2001), tal como destaca o conceito de Connell (1995), masculinidade não é um dado da natureza, ao contrário, é resultado de dinâmicos processos relacionais e socioculturais. Ao introduzir o conceito de “casa dos homens” (*maison des hommes*), Welzer-Lang busca problematizar e compreender os espaços de sociabilidade masculina e como eles contribuem para a construção das identidades masculinas.

A “casa dos homens” é um termo que o autor usa para descrever os espaços onde os homens se reúnem para realizar atividades sociais, culturais ou recreativas, longe da influência das mulheres e da esfera doméstica. Esses espaços podem variar de clubes esportivos a bares, barbearias, associações culturais ou até mesmo locais de trabalho onde os homens se reúnem informalmente durante o intervalo. Welzer-Lang (2001) argumenta que esses espaços desempenham um papel crucial na formação das identidades masculinas, pois fornecem um ambiente onde as normas de masculinidade podem ser reforçadas e reproduzidas entre os pares. Dentro da “casa dos homens”, os homens podem se engajar em comportamentos e conversas que reforçam ideias tradicionais de masculinidade, como bravura, virilidade, competitividade e controle. Ao mesmo tempo, esses espaços podem ser locais onde os homens buscam apoio emocional e social entre si, compartilhando experiências, preocupações e conselhos. No entanto, essas interações nem sempre são positivas, e a “casa dos homens” também pode ser um ambiente onde a pressão para conformar-se às normas de masculinidade hegemônica pode ser intensa, levando à exclusão de indivíduos que não se encaixam nesses padrões.

Desse modo, Welzer-Lang (2001) observa que a exclusão das mulheres desses espaços também contribui para a perpetuação de relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Ao se reunirem em

ambientes exclusivamente masculinos, os homens podem reforçar a ideia de que certas esferas da vida social são reservadas apenas para eles, reforçando assim a dominação masculina na sociedade. Enquanto um projeto de poder (Connell, 1995) e resultado de processos de socialização sexistas e homofóbicas, a masculinidade hegemônica se ergue como um edifício normativo de produção e reprodução das normas de gênero, perpetuando relações desiguais de poder, que resultam em exclusões, violências, falta de reconhecimento e sofrimentos subjetivos.

Masculinidade(s) no divã

Como psicólogo cisheterossexual, recebo demandas provenientes do universo masculino, as quais frequentemente se apresentam de forma velada ou não assumida. Os motivos para ocultar incômodos da falta de realização masculina são diversos. Essas demandas podem ser significadas sob o pretexto de uma sugestão externa, como, por exemplo, “precisei procurá-lo porque minha esposa pediu”, ou podem surgir de um sentimento de ressentimento, como em “tudo isso estava sob meu controle antes e agora não está mais funcionando, preciso que você resolva isso”. Também é comum que demandas como essas surjam como um apelo para tentar salvar um relacionamento que foi prejudicado por questões consideradas habituais entre homens e mulheres: enquanto um se ocupa do provimento financeiro, o outro se responsabiliza pelos cuidados domésticos.

Alguns trabalhos de pesquisa realizados no Brasil, tomando como foco grupos de homens ou grupos terapêuticos masculinos, afirmam que

Enquanto a preocupação com o outro é uma tônica da subjetivação feminina, os homens voltam-se para suas próprias preocupações. Não faz parte do seu repertório o cuidado, inclusive, consigo; fato que, em última instância, produz consequências para o próprio asseio com a higiene e a saúde pessoais. (Filho, 2022, p. 52)

No meu consultório, frequentemente me deparo com demandas que apontam para uma crise no relacionamento e para a dificuldade de um dos parceiros em lidar com tais situações. Nesses casos, minha atuação visa uma abordagem que não se limite à resolução pragmática da demanda apresentada pelo paciente, mas, sobretudo, à problematização sobre os enredos relacionais, subjetivos e intersubjetivos que lhe dão forma. Considerando que questões que emergem em âmbito individual e subjetivo não estão desvinculadas de dilemas e arranjos estruturais (Filho, 2022; Cardoso & Beiras, 2022). Em termos críticos e pós-críticos, se a norma não fala de si (Butler, 2019), trata-se de convidá-la a ocupar o divã, a fim de que possa responsabilizar-se pelos seus efeitos. Nesse enquadre, a problematização do modelo hegemônico de masculinidade tem sido ferramenta importante de desconstrução de pacientes homens em suas distintas configurações identitárias e subjetivas (cis, trans, heterossexual, homossexual, bissexual). Tal exercício implica confrontar as narrativas do modelo masculino ideal internalizado por esses homens, que, em termos lacanianos, pode ser entendido como o “pequeno outro”. Nos termos de Lacan: “Há dois outros que se devem distinguir, pelo menos dois – outro com ‘A’ maiúsculo e um outro com ‘a’ minúsculo, que é o eu. O Outro, é dele que se trata na função da fala” (Lacan, 1997, p. 227).

A distinção mencionada entre pequeno e grande Outro deriva, no primeiro ensino de Lacan, do axioma do inconsciente estruturado como linguagem, para descrever a entrada do sujeito no campo simbólico, ou seja, seu assujeitamento à cadeia simbólica preexistente. Isso refere-se à absorção da conformação social simbólica no domínio da linguagem, na estruturação da subjetividade, como observado no primeiro ensino de Lacan. Nesse contexto, o pequeno outro (a) é concebido como o igual, o semelhante humano, enquanto o grande Outro (A) representa o campo da linguagem. Na primeira instância, o sujeito emerge da intersecção entre o discurso do Outro, sua introjeção como sistema simbólico e a realidade do inconsciente, que se configura em uma relação fantasiosa.

No caso dos homens, essa relação fantasiosa se constrói a partir das narrativas conflituosas da masculinidade, implicando em uma relação subjetiva particular com esse universo masculino. Dessa relação emergem ressentimentos, rancores, vergonhas, medos e violências contra si mesmo e contra outros, que remetem a uma variedade de configurações subjetivas em torno do ideal masculino (Lima,

2022). Em tal configuração, muitas vezes, a aflição compartilhada, e que se expressa na manifestação da demanda inicial, é reveladora da própria angústia de castração, ou seja, como “medo da perda de um lugar privilegiado no desejo do Outro e no laço social” (Bispo, Peixoto & Scaramussa, 2021, p. 166). Destarte, enquanto permanecemos imersos nas narrativas do conflito masculino, obscurecemos outros modos de ser e de existir em decorrência de uma cadeia de significantes ancorada em ideais de masculinidade restritivos e que internalizamos para nós mesmos (Lima, 2022). Isso resulta em uma amarração subjetiva singular aos ideais viris socialmente desempenhados, refletidos em valores como força, coragem, infalibilidade, altivez, destemor, entre outros. Dessa interseção, surgem processos de subjetivação de uma masculinidade que se vê enredada em um repertório que reitera normatividades e, por vezes, violências (Cardoso & Beiras, 2022; Beiras et al., 2020).

Como resultado, é imposto um modelo de masculinidade inescapável, pertencente a uma linguagem cujos valores são efetivamente inatingíveis, uma vez que são codificados e simbolizados a partir da “casa dos homens”, com seus rituais e códigos de conduta que necessitam ser continuamente reiterados (Welzer-lang, 2001; Zanello, 2020). Consideramos que ser homem a partir do modelo hegemônico implica, por um lado, entrar no universo masculino e se submeter aos modelos e valores socialmente impostos, e, por outro, requer um processo de subjetivação no qual corpo, comportamentos, emoções e visões de mundo são continuamente moldados em contraposição às mulheres e ao que é considerado feminino. Não é à toa que, em geral, os homens são ensinados a manter o controle das emoções e, conseqüentemente, a silenciar os sentimentos (Lima & Oliveira, 2022). Nos termos de Connell e Messerschmidt (2013),

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 245).

Na atualidade, o discurso da “crise da masculinidade” já assume diferentes formas e resistências. Por um lado, confrontamos a prepotência em relação aos modelos de masculinidades hegemônicas, que insistem no imperativo de que “os homens devem lidar com tudo, em silêncio, e quando não conseguirem mais suportar, devem calar”. Por outro lado, surge uma masculinidade em processo de “desconstrução”, resultado das lutas feministas, na qual os homens estão dispostos a reavaliar comportamentos considerados agressivos, intimidadores e intolerantes. Em um processo de reflexividade crítica, nos cabe problematizar em que medida os efeitos de tal mal-estar resultam na efetiva transformação de práticas e subjetividades (Filho, 2022).

No campo psicológico e clínico, acolhemos as contribuições de Gebrim (2021), que descreve a figura do “homem desconstruído” como aquele que confronta a prepotência e recebe as críticas feministas, manifestando uma masculinidade permeada pelo sofrimento, resultado de uma identificação culpabilizante em relação ao machismo. Essa posição não o responsabiliza nem o coloca diante de noções de bem ou mal desejo masculino, mas o deixa em um impasse, sem horizonte ou modelo definido.

O trabalho analítico com homens, quando levado às últimas consequências, desconstitui esse suposto ideal masculino hegemônico internalizado e promove uma reflexão ética sobre a própria identidade e performance de gênero, abrindo caminhos que implicam em uma desconstrução de si e do próprio self/ego (Lima, 2022). Conforme apontam Cardoso e Beiras (2022, p.62), “Resgatamos a necessidade de politizar a intimidade onde se constituem as perversas regulações nos modos de subjetivação dos gêneros e suas expressões (Medrado & Lyra, 2014) para tratar do autocuidado.” Desse modo, em um trabalho clínico, afastamo-nos da ideia de que o percurso psicoterapêutico tem um caminho pré-traçado. Trata-se de reconhecer as singularidades subjetivas e intersubjetivas, escapando de generalizações e evitando soluções pré-fabricadas (Forbes, 2011; Lima, 2022).

No caso dos homens que atendo em meu consultório, são eles mesmos que se colocam em processo de

abertura para a desconstrução. A abordagem clínica com homens busca uma interpelação crítica que possibilite a compreensão dos privilégios sociais atribuídos à masculinidade hegemônica e que a tornam o grande referencial do processo de qualificação ou de desqualificação de outras vidas ou modos de vida. Se, conforme assinala Judith Butler (2015), historicamente, algumas vidas são qualificadas ou mais qualificadas do que outras, é preciso reconhecer que a vida de nós homens tem sido rotineiramente valorizada em detrimento da vida de mulheres e outras minorias sexuais, de gênero e raciais. Homens morrem mais do que mulheres em decorrência de investimento em práticas de risco (Souza, 2005), por outro lado, dentro de uma estrutura machista e sexista, mulheres simplesmente são assassinadas pelo fato de serem mulheres. Conforme salientado por Filho (2022), trata-se de reconhecer que:

Resolver as angústias e inquietações que são delas resultados (principalmente da masculinidade normativa que aponta para a nobreza do "macho") não é sinônimo de fugir à contextualização de um gênero produzido para possuir muito mais vantagens que desvantagens em uma economia capitalista marcada pelo trabalho de cuidado não remunerado de mulheres e pela concessão de prerrogativas culturais que facilitam a vida dos homens em diversos âmbitos. Significa, isso sim, lidar, a partir de um olhar para os feminismos, com a renúncia de lugares comuns já estabelecidos por uma estrutura que transforma diferenças em desigualdades. (Filho, 2022, p. 54-55)

Concordamos com o filósofo Byung-Chull Han (2015), ao reconhecer a existência de um estado patológico contemporâneo do ser em decorrência de um modelo produtivista neoliberal. Mas, em nosso ponto de vista, tal mal-estar tende a se tornar ainda mais acentuado quando consideramos a imposição de modelos que resultam em hierarquização e subordinação de corpos e subjetividades e que se ancoram em marcadores sociais de gênero, raça, classe, orientação sexual, deficiência, dentre outros (Oliveira & Martins, 2024). Em perspectiva contrastiva, quais os efeitos de tal configuração na subjetividade de nós homens? Como acena Valeska Zanello (2020), o dispositivo de eficácia que atravessa a constituição subjetiva dos homens está sustentado na virilidade sexual e na virilidade laborativa. Esta última bastante significada na ideia do trabalhador provedor; reiterada em um processo de generificação da relação entre homens e mulheres, homens são colocados na posição de provedores e mulheres na posição de cuidadoras. Em tal configuração, qualquer impossibilidade de um homem acessar tal condição ou uma inversão nas políticas de reconhecimento (nos casos em que uma mulher recebe uma remuneração maior que a de seu companheiro) instala uma crise na autoimagem de "homem de verdade". Frustrado e sentindo-se despossuído do dispositivo de eficácia, resta-lhe ocupar a posição de uma masculinidade subordinada ou em "crise".

A atenção cuidadosa emergente da escuta clínica é crucial para desconstrução de tais autoimagens e posições de privilégio e/ou de vitimização. Isso implica não apenas em considerar o aspecto comportamental e performático, mas também em compreender suas estruturas, os paradigmas de poder e as regulações morais que constituem a estrutura da dominação masculina hegemônica na contemporaneidade (Connell & Pearse, 2015). Conforme Custódio (2021), essas estruturas estão imersas em uma ética distorcida que se reflete no apego ao modelo ideal, criando um verdadeiro impasse na discussão sobre masculinidades.

A abordagem terapêutica que adoto implica em um dispositivo ético que o próprio sujeito constrói a partir de sua história de vida, seus sofrimentos e de seu encontro clínico intersubjetivo. Assim, baseio-me em uma indeterminação real dos fundamentos da clínica tradicional, subvertendo e transgredindo as normas, morais e de conduta, buscando compreender os homens e suas demandas a partir dos sentidos atribuídos por eles, ao mesmo tempo em que procuro produzir um espaço de acolhimento que não se confunda com a reiteração do imperativo da homossociabilidade. Não se trata de um vínculo que se confunde com uma cumplicidade entre "parças²" (Zanello, 2020), mas de um investimento ético-político que convoca o sujeito da demanda a uma responsabilidade ética pelo que [lhe] acontece (Bondía, 2002).

É do compromisso com uma prática clínica ético-política desafiar entendimentos genéricos e sedimentados, adotando uma prática que parte do ser que questiona sua própria existência. Afinal, "Se

² Parceiros, camaradas.

o analista deve tomar parte no sintoma e suportar seu estatuto, sua posição deve suscitar a implicação do sujeito em seu sintoma. Isto é, o analista deve retornar para o sujeito formulando um *Che vuoi?* – (o que você quer?; Lacan, 1960/1998g)” (Marcos & Junior, 2013, p. 22).

Para o homem, em termos lacanianos, assumir uma posição a partir do seu “falasser”, implica o reconhecimento do sujeito da linguagem como “um corpo vivo que se goza, um corpo que só se define a partir da substância gozante” (Lima, 2022, p. 130). Nos termos de Vinícios Lima (2022) citando Morel (1999),

Nesse cenário, o falo se torna o nome de uma função lógica que agencia a castração, responsável por produzir uma perda de gozo – inerente ao funcionamento do discurso – e, ao mesmo tempo, por relançar o ser falante em diferentes modos de buscar recuperar seu gozo a partir dessa perda (Morel, 1999). (Lima, 2022, p. 131)

Na prática clínica, assumir esse caráter contingente do próprio sujeito, de seu corpo e de seu desejo, não é tarefa simples. Implica estar em um processo de apreensão e compreensão, tanto como pessoa quanto como profissional da psicologia ou psicanálise, para perceber que existe um limite ético na masculinidade hegemônica patriarcal falocêntrica, que, por sua vez, conforma uma unidimensionalidade em relação aos padrões éticos e estruturais de poder que permeiam o trabalho clínico. Para estar nesse caminho, é imprescindível reconhecer-se como parte de um universo, de uma gramática sociocultural, que circunscreve um fragmento possível das experiências e, principalmente, questionar e desconstruir os sistemas de opressões que nos constituem enquanto sujeitos.

Um exemplo da importância de assumir esse estatuto ético-político de escuta e transformação pode ser encontrado nas palavras de Frantz Fanon (2008), ao abordar as masculinidades negras e indicar que, ao discutir o estatuto do ser e da existência dos homens negros, há uma autodeterminação que os distingue dos homens brancos. Nesse sentido, “o negro não é um Homem” (Fanon, 2008, p.26). A masculinidade hegemônica enquanto empreendimento colonial e colonizador produziu suas alteridades: homens negros, mulheres, LGBTs. Esse lugar de outreridades (Nascimento, 2021) resulta não apenas em processos diferenciados de reconhecimento, mas em desumanizações, objetificações e exclusões (Faustino, 2014; Silva-Junior & Caetano, 2018).

Descortinando embaraços “na casa dos homens”

Como olhar criticamente para tais enredos das masculinidades a partir de nossa prática clínica? Na condição de psicólogo clínico, trago como cena problematizadora o caso de um paciente que recebi para atendimento e que me apresentava como demanda algumas questões não resolvidas e pouco compreendidas em torno de sua masculinidade, seus contextos e relações, e que, segundo ele, impactavam sua vida afetivo-sexual. P., homem cis, branco, heterossexual, nível superior completo, pertencente às camadas médias.

Imerso em uma gramática masculina hegemônica, P. explora seus sentimentos e emoções em relação às mulheres, explicitando desejos, ambições e interesses face à possibilidade de construir uma família a partir de uma relação amorosa com uma mulher cisgenera em cuja relação sinte-se inseguro. Sua busca pelo processo de análise ocorre quando ele percebe que seu empenho, alinhado às regras de homosociabilidade da “casa dos homens” (Welzer-Lang, 2001; Zanello, 2020), não apenas falha, mas vacila, tropeça e lhe causa insegurança. Cansado daquilo que passa a considerar como “falhas”, manifestas a partir da sensação de “descontrole” sobre a própria vida e seus desejos, ele vem ao consultório buscando entender as razões de suas dificuldades de relacionamento com as mulheres, que impedem a concretização de seus próprios projetos pessoais e familiares.

A demanda de P. pode ser compreendida como sintoma de uma crise com seu modo de ser homem no mundo (Cardoso & Beiras, 2022, Lima, 2022). Ao reconhecer um fosso entre seus projetos e desejos e os modos como se coloca nas relações amorosas, dá-se conta de uma incoerência insustentável. Por meio dessa experiência de sentir-se deslocado, o sujeito da demanda é imediatamente retirado do solo familiar, da presença ingênua e tranquilizadora comum da “casa dos homens”, sendo lançado na

experiência de angústia face às expectativas não realizadas.

Lacan (2006) introduz o conceito de “falasser” no Seminário 23, como uma maneira de descrever o sujeito do inconsciente, ou seja, a maneira como o sujeito é constituído pela linguagem e pelos processos psíquicos inconscientes. O falasser é marcado pela falta e pela divisão, resultantes da entrada na linguagem e na cultura, e está sempre em busca de completude e significado através do engajamento com o simbólico.

Em nosso ponto de vista, tal conceito destaca a interconexão entre o ser humano, o mundo e a linguagem, enfatizando a maneira como a nossa compreensão de nós mesmos e do mundo ao nosso redor é mediada pela linguagem e pela cultura. Nesses termos, a partir de Lacan, que linguagem e que mundo é esse que se constitui nos enredos da masculinidade hegemônica? Qual é a implicação disso na escuta dos homens que performam masculinidades colonizadas? Abordamos essas questões não apenas reconhecendo que os modelos de masculinidades estão enraizados em relações de poder mediadas por diversos dispositivos sociais, políticos, econômicos, ideológicos e institucionais, mas reconhecendo que a “casa dos homens” também se ergue e sedimenta a partir de uma gramática, que é um produto da linguagem. Como afirma Fink (1998, p. 44), “a linguagem cria coisas (tornando-as parte da realidade humana) que não tinham existência antes de serem cifradas, simbolizadas ou verbalizadas”.

Nesse sentido, observamos no contexto clínico com homens a manifestação, por meio das demandas apresentadas, de uma crise do que significa “ser homem” diante de um ideal de “ser homem de verdade”, frágil e inalcançável. Esse processo é frequentemente descrito como uma “crise da masculinidade” (Nolasco, 1997), onde valores considerados naturais e universais são questionados, e configurações tradicionais de masculino e feminino são criticamente ressignificadas. Em nossa experiência clínica, reconhecemos que os homens que buscam ajuda frequentemente sentem uma sensação de incompletude, embaraço e desconforto diante das limitações impostas pelo ideal de masculinidade. É como se a “linguagem” em que foram socializados e o “mundo” no qual estão inseridos -a partir de um pacto narcísico masculinista- já não fossem mais suficientes para dar conta de si.

Destituído de seu lugar de “suposto saber” sobre si mesmo, onde até então achava-se seguro de ser um “homem de verdade”, com “H” maiúsculo, acima de qualquer suspeita, vê-se frustrado diante da constatação da precariedade e instabilidade de tal inteligibilidade. Destituído da “verdade de si” mesmo, sente-se desamparado, abandonado, frágil (Lima, 2022). A partir da manifestação do mal-estar, podemos inferir a manifestação de uma masculinidade “abandonada”. Ou seja, no caso clínico em tela, P., assim como outros homens, encontrando-se preso às expectativas de gênero estereotipadas, já não sabe que é destituído de si, sente-se “fora do mundo”, perdido em sua conexão consigo e com os/as outros/outras.

Nesse enquadre, a masculinidade “abandonada” pode surgir quando os homens se sentem desconectados de sua própria subjetividade, perdendo-se em uma busca incessante por poder, *status* e consumo material, em detrimento de uma busca pela construção de outros sentidos possíveis. Divididos entre as pressões da masculinidade tradicional e as demandas por uma masculinidade mais inclusiva e emocionalmente expressiva, as demandas e sintomas emergem como falta de significado e a sensação de vazio.

Caso clínico: supra-assumindo o incomum do “ser homem” e a implicação masculina

Parte 1: Miragens da insegurança masculina e suas invenções fantasmáticas

O caso de P. apresenta particularidades quando consideramos os conflitos iniciais associados a uma demanda masculina. Esse homem me enviou uma mensagem à 1h da manhã de um sábado e deparou-se com o meu silêncio, estabelecendo um primeiro desencontro com seu futuro analista. A resposta esperada por P. veio apenas na manhã seguinte, a partir da qual, ele me escreveu: “Tenho muita insegurança em vários momentos da minha vida e não consigo resolver sozinho”.

Ao ler a mensagem de P., fiquei surpreso com sua coragem ao expor sua vulnerabilidade. Como homem, pesquisador e psicólogo, reconheço que há, geralmente, um caminho tortuoso para que um homem

admita suas inseguranças. Minha experiência clínica confirma o que a teoria lacaniana sugere sobre o atendimento psicanalítico: a queixa inicial, mesmo que de forma rudimentar e obscura, contém inquietações que guiarão o processo pessoal de análise (Lima, 2022). Apesar de ter a ilusão de compreender a demanda e vislumbrar um caminho para resolvê-la, é o analisando quem detém a verdade criativa sobre seu processo, escolhendo o rumo de sua própria análise. No caso específico da clínica com homens, Lima (2022, p. 9) nos aponta que há alguns aspectos fundamentais que acompanham a clínica psicanalítica no trabalho, tais como a ameaça de castração, a divisão do objeto amoroso e a recusa da feminilidade, que nos ajudam a compreender as particularidades da subjetivação dos homens.

Atento ao caráter genuíno da demanda de P., procurei um horário disponível na minha agenda, o que foi possível para a segunda-feira à noite. No dia seguinte, próximo ao final da tarde, ouço o toque do interfone anunciando a chegada de P.. Ao abrir o portão e ir até a recepção, me deparo com um homem alto (aproximadamente 1.85m. de altura) e forte (em torno de 100 quilos), vestindo uma bermuda cargo que lhe apertava as coxas, um tênis de corrida e uma camisa polo. À primeira vista, sua vestimenta pareceu descuidada e improvisada. Ao entrarmos em minha sala de atendimento, P. me revela imediatamente o motivo de sua visita: trabalhar sua insegurança. Mas do que se trata essa insegurança? Dada sua urgência em procurar ajuda e à forma confusa como se apresentou, a situação parecia complexa e intrincada. P. explicou que não era natural do Mato Grosso do Sul, e que veio de uma cidade do interior, de outro estado, e, desde então, passou por cerca de seis cidades diferentes antes de se estabelecer. Um homem com muitas experiências de mudança e (des)adaptação.

À medida que ele compartilhava sua trajetória, chegou a um assunto que sugeri ser a possível causa de sua insegurança: um relacionamento com uma mulher mais velha que durou cinco anos. No terceiro ano do relacionamento, descobriu uma traição, mas decidiu perdoar e seguir adiante por mais dois anos. No entanto, segundo P., desde aquele terceiro ano ele nunca mais conseguiu estabelecer uma relação afetiva de profundidade, nem mesmo com a mulher desse relacionamento, que acabara há oito anos.

Refletindo sobre esse relato, comecei a me questionar sobre as razões de um sofrimento prolongado decorrente de um evento de quase uma década atrás. O que permitiria que um evento traumático continuasse a afetar P. após tanto tempo? O que esse mal-estar poderia revelar sobre a construção de sua masculinidade? E o que uma queixa sobre uma traição de uma mulher poderia nos dizer sobre as inseguranças de P. quanto à sua masculinidade? Embora P. tenha mencionado elementos que indicavam sua autonomia financeira, como sua formação em nível superior, ocupação de cargos de chefia em grandes empresas e moradia em um bairro nobre da cidade, isso não foi suficiente para garantir segurança em sua vida afetiva. Em uma sociedade que idealizou um modelo de masculinidade baseado na virilidade (Zanello, 2020), espera-se que a posição de traidor seja sempre ocupada pelos homens e que as mulheres sejam sempre as vítimas. Quando ocorre uma inversão dessa expectativa de gênero, como no caso de P., ele se sente emasculado, apesar de possuir outros atributos considerados hegemonicamente masculinos.

P. explicou que, desde seu último relacionamento, não conseguiu estabelecer uma relação afetiva de qualidade, embora continuasse a ter relações sexuais regularmente. Essas relações, geralmente, envolviam promessas de compromisso duradouro, incluindo planos de casamento, convivência e participação ativa na vida familiar. No entanto, P. admitiu que, apesar de fazer essas promessas, não se sentia verdadeiramente comprometido. Em muitos casos, ele desaparecia abruptamente, após criar expectativas e firmar compromissos, um comportamento conhecido como *ghosting*³. À medida que P. compartilhava esses episódios, ficava evidente seu reconhecimento de que algo estava fora de lugar em sua vida. No entanto, mesmo experimentando certo desconforto, P. não conseguia compreender plenamente as razões que o levavam a agir dessa forma. Não reconhecido por outros/as e incapaz de reconhecer a si mesmo, via-se enredado no engodo viril. Nesse sentido, a psicanálise nos convida a tomar

³ Ghosting é um termo coloquial usado para designar o término repentino de um relacionamento com uma pessoa sem quaisquer explicações ou aviso e, posteriormente, ignorar quaisquer tentativas de contato ou comunicação feitas por essa pessoa.

os homens no avesso de sua virilidade, na medida em que a experiência analítica nos dá acesso à sua divisão subjetiva, isto é, ao ponto em que o ideal de "ter o falo", que caracteriza o engodo viril, já não é suficiente para responder pela posição de um sujeito. Assim, um pênis nunca está à altura de sua função discursiva como o grande falo que ali se pode supor ... (Lima, 2022, p. 28).

Parte 2: Quem tem medo de fantasma? Atenção e antecipação feminina: o lugar da desestabilização

P. chegou ao consultório queixando-se de insegurança e da dificuldade em resolver questões de sua vida amorosa a partir de um outrem. Como afirma Vinícios Lima (2022), citando Rosa (2008) e Lima (2000),

para ser reconhecido como viril, o sujeito precisa receber do Outro um título que certifique a legitimidade de sua posição como homem, de modo que esta não lhe é dada, mas apenas prometida e jamais plenamente assegurada. A virilidade só se apresenta ao sujeito a partir de sua crença em uma promissória paterna ("um dia, no futuro, você será um homem como seu pai e terá uma mulher como sua mãe"), a qual se revela, no entanto, como uma promessa furada, uma vez que o Outro, em sua incompletude [S(A)]⁴, não é capaz de garantir a um sujeito sua masculinidade, tornando-a frágil e precária por estrutura (Rosa, 2008; Lima, 2020). (Lima, 2022, p. 29).

Depois da demanda inicial -em que fazia referência ao relacionamento antigo, de mais de oito anos-, P. sente-se confortável para compartilhar alguns de seus mal-estares com o relacionamento atual. Nesse momento, apresenta sua atual companheira -M. [sigla fictícia]⁵. Sem entrar em maiores detalhes sobre características pessoais de M. nem o contexto em que se conheceram, relata que ela teria chamado sua atenção desde o primeiro dia em que se encontraram. A medida que falava da relação, algumas palavras-chave de seu vocabulário masculinista-falocentrado se faziam presentes: "sedução", "cortejo" e "conquista". Apesar de continuar no desejo de ocupar o lugar do macho alfa "hetero top", via-se surpreendido [incomodado] com o perfil questionador da atual parceira. De acordo com ele, M. seria muito questionadora. Nesse momento, busco compreender o sentido em torno de tal caracterização de M.. De acordo com ele, ela teria desde o primeiro momento questionado sobre as "reais" intenções de P.. Além disso, depois que o relacionamento havia engrenado, em um momento de discussão entre o casal, M. teria dito a ele que seria "pouco homem" e que "faltava profundidade na forma de se relacionar", resultando em um "comportamento superficial". Ao mesmo tempo, a parceira também teria manifestado descontentamento com o relacionamento em si e feito um "ultimato": ou P. buscava ajuda terapêutica ou o relacionamento acabaria. Esse seria o "real" de seu primeiro contato comigo.

Conforme afirmam Beiras et al. (2020), citando a Rocha-Coutinho

diferente do que aconteceu com as mulheres que perceberam a necessidade de se reinventar devido às desvantagens sociais que lhes eram atribuídas, novos modelos de masculinidades precisaram ser adotados devido, não a uma insatisfação pessoal dos homens, mas a uma mudança nos estereótipos e posições adotadas por mulheres (Rocha-Coutinho, 2006). (Beiras et al., 2020, p. 3-4).

Em uma posição de defesa, P. não conseguia reconhecer a repetição de um padrão em seus relacionamentos com mulheres. Para ele, parecia que sua parceira tinha uma imagem distorcida sobre ele, que, em alguma medida, o fazia reviver a cena traumática da traição sofrida há oito anos, que continuava a assombrá-lo. Sem uma compreensão dos motivos por trás da acusação de sua companheira de que seria "superficial" nos relacionamentos afetivos, P. experimentava intensamente um mal-estar que ele significava como "insegurança" [demanda inicial]. Ao procurar ajuda psicoterapêutica, talvez menos em decorrência do reconhecimento de seus próprios limites e responsabilidades emocionais na relação amorosa e mais preocupado com a possibilidade do término sinalizado por sua parceira, P. manifestava resistência em se reconhecer "autor", "protagonista" do enredo masculinista (Zanello, 2020). Conforme aponta Filho (2022),

Enquanto a preocupação com o outro é uma tônica da subjetivação feminina, os homens voltam-se para suas próprias preocupações. Não faz parte do seu repertório o cuidado, inclusive, consigo; fato

⁴ Na psicanálise lacaniana, o termo "S(A)" (o "Significante do Outro Barrado") é um conceito que representa a falta no Outro. "S" representa o significante. "A" (A barrado) simboliza o Outro incompleto, marcado por uma falta.

⁵ Para garantir a não identificação do paciente.

que, em última instância, produz consequências para o próprio asseio com a higiene e a saúde pessoais. (Filho, 2022, p. 52)

Na anamnese, iniciei fazendo perguntas básicas, com a intenção de entender melhor quem era M., qual sua importância para P. e que tipo de relação estava construindo com sua parceira. Inicialmente, as respostas de P. foram curtas e lacônicas. Quando confrontado com a ausência de motivos para permanecer no relacionamento, P. recorreu a um ideal de mulher: alguém com aparência impecável, inteligente, trabalhadora, criativa, e que desejasse construir uma família. A beleza feminina estereotipada mostrava-se de grande referencial na fala de P.. É importante considerar o quanto, dentro da construção tradicional da masculinidade, os homens são frequentemente encorajados a assumir o controle e manter uma posição de poder nas relações (Welzer-Lang, 2001; Zanello, 2020). Algumas semanas depois de iniciado o processo psicoterapêutico, P. me diz que o relacionamento havia finalizado. Nas suas palavras, M. o teria “abandonado”. Ocupando o lugar de abandono, P. sente o esgotamento do lugar de suposto saber do patriarcado.

Inicialmente encurralado na gramática da “casa dos homens”, com seus códigos e valores, P. (assim como outros homens inseridos na lógica de funcionamento hegemônico) foi convencido de que expressar suas emoções seria sinônimo de “fraqueza” e “feminilidade”. Em tal enquadre, tristeza, medo ou vulnerabilidade são afetos a serem evitados. Mais do que um sintoma individual, o sofrimento de P. face às dificuldades de correspondência aos modelos estabelecidos põe em evidência a dimensão sociocultural, política e simbólica do tornar-se “homem”. Destarte, não apenas reflete as normas e expectativas culturais associadas à masculinidade e suas complexas interações entre gênero, poder e emoções, mas também atesta a importância de sua superação. Trata-se de assumir as possibilidades que emergem do esburacamento do desejo:

Da perspectiva da desidentificação ao falo, o percurso de uma análise permitiria a um sujeito fazer o luto de ser o falo que completa o Outro (um luto de sua identificação imaginária ao falo), consentindo com a barra que marca a incompletude – ou mesmo a inexistência – desse Outro e se autorizando a assumir a dimensão esburacada do desejo, sem precisar subscrever aos imperativos da virilidade ou aos roteiros da cisheteronormatividade (Lima, 2022, p. 19).

Conclusão

A importância da escuta clínica na desconstrução das masculinidades hegemônicas é significativa, pois permite que os homens expressem suas emoções e experiências de uma forma segura e não estereotipada. Tradicionalmente, as normas de masculinidade reprimem a expressão emocional e promovem uma imagem de força, controle e independência. No entanto, essas expectativas incidem diretamente na dimensão subjetiva dos homens, com a evidente repressão dos sentimentos e afetos, bem como nos relacionamentos intersubjetivos.

Através da escuta clínica, os homens podem explorar e entender suas próprias experiências, desafiando as normas de masculinidade que os restringem. Isso pode envolver o reconhecimento e a validação de uma variedade de emoções, incluindo vulnerabilidade, tristeza e medo. Ao proporcionar um espaço para a autorreflexão e a expressão emocional, a escuta clínica permite que os homens reconstruam suas identidades masculinas de maneiras mais autênticas e menos opressivas para si e para os outros.

Os estudos de gênero e das masculinidades desempenham um papel crucial nesse processo, fornecendo uma estrutura analítica para entender como as normas de gênero são construídas e mantidas na sociedade. Ao examinar criticamente as expectativas culturais em torno da masculinidade, esses estudos revelam como as masculinidades hegemônicas são baseadas em hierarquias de poder e privilégio, e como elas precisam ser desnaturalizadas, já que repercutem tanto no nível individual quanto interpessoal e coletivo.

Ao nos voltarmos para o relato de um caso clínico à luz dos estudos gênero e de masculinidades da psicanálise laciana, objetivamos não apenas contribuir com o campo de estudos, mas pensar o papel

e o lugar da psicologia e da prática analítica na desconstrução dos modelos adoecedores e opressivos. Trata-se de reconhecer a variedade de formas pelas quais os homens podem viver e expressar sua masculinidade, indo além das limitações das normas tradicionais e estereótipos. Ao desafiar as expectativas estreitas de como os homens “devem” ser, os estudos de gênero e das masculinidades abrem espaço para uma vivência da masculinidade mais libertária e saudável.

Por fim, acreditamos que a escuta clínica e os estudos de gênero e das masculinidades são ferramentas essenciais para a desconstrução das masculinidades hegemônicas e a promoção de outros modos de tornar-se homem. Uma clínica e uma escuta ético-políticas se constituem como espaços seguros (Collins, 2019) para que homens sejam capazes de expressar suas emoções de modo saudável e sem restrições impostas por normas de gênero restritivas. Tais intervenções podem contribuir para perspectivas mais inclusivas e diversas das masculinidades, dos seus afetos e emoções.

Referências

- Beiras, A., Benvenuti, M. P., Tonelli, M. J. F., & Cavaler, C. M. (2020). Narrativas que naturalizam violências: reflexões a partir de entrevistas com homens sobre violência de gênero. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 17, 1-22. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2020.e72407>
- Bispo, F., Peixoto, H., & Scaramussa, M. (2021). Violência masculina - uma leitura clínica da constituição histórica e subjetiva da masculinidade. Em A. M. Guerra & R. G. Lima (Orgs.), *A psicanálise em elipse decolonial* (pp. 155-169). n-1 Edições.
- Bondia, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- Butler, J. (2019). *A vida psíquica do poder: teorias em sujeição*. Autêntica Editora.
- Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Civilização Brasileira.
- Cardoso, D. T., & Beiras, A. (2022). Masculinidades, psicoterapia e construcionismo social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31(74), 52-68. <https://doi.org/10.38034/nps.v31i74.713>
- Collins, P. H. (2019). Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. Em H. B. Hollanda (Ed.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (pp. 271-310). Bazar do Tempo.
- Connell, R., & Pearse, R. (2015). *Gênero: uma perspectiva global*. Nversos.
- Connell, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, 20(2), 185-206. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Custódio, T. (2021). Padrão, padrão, padrão. In P. Ambra (Ed.), *Cartografias da masculinidade*. Editora Culto.
- Faustino (Nkosi), D. (2014). O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. Em E. A. Blay (Ed.), *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher* (pp. 75-104). Cultura Acadêmica.
- Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Zahar.
- Forbes, J. F. (2011). *Desautorizando o sofrimento socialmente padronizado, em pacientes afetados por doenças neuromusculares*. Universidade de São Paulo.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA.
- Filho, A. (2022). Uma nova “Casa dos homens”? O gênero em questão nos grupos terapêuticos masculinos. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 8(4), 28-57. <https://doi.org/10.9771/cgd.v8i4.49945>
- Gebirim, A. (2021). Ser um homem desconstruído: um impasse. Em P. Ambra (Ed.), *Cartografias da masculinidade* (pp. Nn-nn). Editora Culto.
- Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Lacan, J. (2006). *O Seminário, livro 23 – O sinthoma (1975-1976)*. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1997). *O seminário Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lima, V. M. (2022). *Homens em análise: destinos do falo e travessias da virilidade na psicanálise lacaniana*. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Lima, J. P. N. (2022). *Barba, cabelo e bigode: uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia de Campo Grande - MS*. Universidade Federal da Grande Dourados.
- Lima, J. P. N., & Oliveira, E. A. (2022). Barba, cabelo e bigode: uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia de Campo Grande (MS). *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, 9, 241-260. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/13591>

- Marcos, C. M., & Junior, E. S. O. O sintoma entre a terapêutica e o incurável: uma leitura lacaniana. *Psicologia Clínica*, 25(11), 17-31. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000200002>
- Nascimento, M. (2018). Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. In M. Caetano, & P. M. Silva-Junior (Orgs.), *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil* (pp. 16-27). Lamparina.
- Nascimento, L. C. P. (2021). *Transfeminismo*. Jandaíra.
- Nolasco, S. (1997). Um "homem de verdade". Em D. Caldas (Ed.), *Homens: comportamento, sexualidade, mudança* (pp. 14-29). SENAC.
- Oliveira, E. A., & Martins, C. P. (2024). Cartografando territórios (est)éticos-existenciais: entre imagens, políticas e poéticas (re)existentes. *Revista Estudos Avanzados*, Santiago. [No prelo].
- Silva-Junior, P. M., & Caetano, M. (2018). Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. Em M. Caetano & P. M. Silva-Junior (Orgs.), *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil* (pp. 190-211). Lamparina.
- Souza, E. R. (2005). Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 59-70. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100012>
- Turriani, A., Dunker, C., Neto, F. K., Lana, H., Reis, M. L., Beer, P., Lima, R. A., & Bertanha, V. (2018). O caso clínico como caso social. Em V. Safatler, N. Silva Junior, N., & C. Dunker (Orgs.), *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico* (pp. 59-79). Autêntica.
- Weber, M. (2004). A "objetividade" do conhecimento nas Ciências Sociais. Em G. Cohn (Ed.), *WEBER, Max. Sociologia*. Ática.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460-482. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>
- Zanello, V. (2020). Masculinidades, cumplicidade e misoginia na "Casa dos Homens": um estudo sobre os grupos de Whatsapp masculinos no Brasil. Em L. Ferreira (Org.), *Gênero em perspectiva* (pp. 79-102). CRV.

CRedit

Conceptualização: J.P.N.L., E.A.O.; Metodologia: J.P.N.L.; Análise Formal: J.P.N.L., E.A.O.; Pesquisa: J.P.N.L.; Redação (borrador original): J.P.N.L., E.A.O.; Redação (revisão e edição): J.P.N.L., E.A.O.; Visualização: J.P.N.L., E.A.O.; Supervisão: J.P.N.L., E.A.O.